

# No limite da adoração

Por um lado, a idolatria tem seu lado positivo, uma vez que inspira pessoas de diversas maneiras. Em contraponto, saiba como o excesso do fanatismo pode influenciar negativamente

TEXTO E ENTREVISTAS GIOVANE ROCHA  
DESIGN DOUGLAS NORONHA/ COLABORADOR



**É** bastante comum ouvirmos, quando alguém famoso vem a público dar uma entrevista ou algo do gênero, histórias contadas por celebridades sobre fãs que fizeram loucuras para estar na mesma sala, pegar um objeto pessoal do camarim ou só conseguir uma foto com seu ídolo. Relatos assim podem parecer inocentes e até engraçados para quem ouve e, às vezes, são mesmo – afinal, quem não abre um sorriso quando uma criança invade o campo de futebol apenas para abraçar seu jogador favorito? O problema é quando, no lugar do pequeno, o personagem da história é um adulto e realiza atos perigosos tanto para si quanto para a pessoa que serve de inspiração.



Mais recentemente, podemos citar o caso de maio de 2016 envolvendo a ex-modelo e apresentadora de TV Ana Hickmann, que teve o quarto do hotel onde estava hospedada invadido por um fã armado. Após ameaças e momentos de tensão, o invasor acabou morto a tiros em decorrência de defesa pessoal do cunhado da apresentadora.

Então, até que ponto é possível manter uma relação saudável entre fã e ídolo? Qual o momento em que a adoração por uma ideia se torna uma fixação sem controle que acaba sendo prejudicial para a saúde da própria pessoa e dos seus próximos?

**No seu sentido literal, a palavra fã descreve uma pessoa que é fanática por algo físico ou abstrato. Por sua vez, “fanático” tem origem no termo do latim *fanaticus*, que faz referência à inspiração divina em templos, ou *fanum*.**

### **Cérebro fanático**

Todas as emoções sentidas pelos seres humanos causam diferentes alterações no cérebro, o que produz efeitos não só no órgão, mas no organismo inteiro. No caso da relação fã e ídolo, esses reflexos ativam, como pontua o neurologista Martin Portner, “circuitos cerebrais que envolvem a amígdala, sistema límbico e córtex pré-frontal”, o que estimula a liberação de substâncias variadas que estimulam traços emocionais pelo corpo todo, como os neurotransmissores endorfina, dopamina e noradrenalina. Esse processo “é algo mais visceral. Na empatia, por exemplo, que resulta da ativação de neurônios espelho, a sensação é de profunda identidade com a pessoa com quem interagimos”, elucidou o especialista.

A admiração é uma emoção de caráter complexo, uma vez que é retida, em parte,

por conceitos definidos pela sociedade e controlados pelo cérebro, como ética e bom senso, impedindo que esse sentimento saia do controle. Então, por esse ponto de vista, ocorre um tipo de disfunção. Como explica Martin, “o fanático desenvolve admiração sem limites, sem contenção, uma veneração. Trata-se de um desequilíbrio, um desajuste, uma falha dos sistemas mentais que deveriam operar em harmonia”.

### **Prejuízos**

Agora pense que está cara a cara com seu maior ídolo, seja um esportista, músico, escritor, político, entre outros: você consegue imaginar o que sentiria na hora? Com certeza seria uma onda de sensações que causariam uma euforia, uma aceleração no batimento cardíaco e aquele frio na barriga característico da ansiedade. No entanto, em alguns casos, esse conjunto de sentimentos se descontrola, proporcionando momentos negativos tanto para o fã quanto para o ídolo (ou instituição), como no caso citado no início da matéria.

Quando há uma reação excessiva, os sinais podem se tornar prejudiciais tanto à saúde quanto em questões sociais. Isso se dá pelo fato de, “internamente, o conflito passar a gerar ansiedade pela impossibilidade de a pessoa alcançar os objetivos vinculados ao objeto de veneração do fanático. Em longo prazo, isso conduz à exaustão, à depressão e a ideias suicidas”, resume o profissional.





## Motivos de um fã

O que leva uma pessoa a idolatrar uma celebridade, ideal ou qualquer outra coisa? Para alguém que enxerga a situação de fora, ou seja, que não nutre uma admiração, pode parecer um comportamento superficial e sem sentido. Mas, mesmo assim, as razões para o desenvolvimento de uma relação assim existem de fato e não se concentram em apenas uma explicação, variando de caso para caso. Presume-se, por exemplo, que se uma pessoa é fã de um cantor, ator ou jogador é porque há uma admiração pelo seu trabalho, seja um filme, uma música ou um time preferido e, conseqüentemente, a idealização desse indivíduo. Confirma alguns dos principais motivos pontuados pelo psicólogo clínico Bayard Galvão que levam à veneração:

- **Medo:** essa é uma sensação que impulsiona o ser humano de diversas formas, uma reação natural responsável pela própria defesa do indivíduo desde seus primórdios. Contudo, se descontrolada pelo medo de um grande sofrimento após, por exemplo, a perda de alguém próximo, “não são poucos que buscam – desesperadamente – em sua fé religiosa a solução para os seus sofrimentos”, assinala o profissional.

- **Encontrar um sentido:** por mais absurdos que pareçam, os extremismos de quaisquer tipos de ideais são uma forma de o indivíduo buscar um sentido para sua vida. “Não importa se for um motivo político (‘de esquerda’ ou ‘de direita’), religioso, ‘futebolístico’ ou patriótico”, ressalta Bayard.

- **Prazer:** se você já disse para alguém que a voz do cantor favorito daquela pessoa é horrível, ou que seu time não joga nada, já testemunhou como a admiração pode estimular uma defesa intensa por parte do fã. Em casos mais radicais, segundo o psicólogo clínico, “pode gerar violência e animosidade, mas sempre uma sensação de preenchimento, pelo menos momentaneamente”. Mas é claro que isso não justifica nenhum ato violento, como acontece com frequência em ocorrências de brigas de torcidas organizadas de times de futebol no Brasil.

- **Incapacidade crítica:** é como se ocorresse uma cegueira seletiva, ou seja, a pessoa enxerga o lado negativo apenas naquilo que se mostra diferente às suas ideias ou gostos, defendendo estes com ar de superioridade como se a verdade fosse inquestionável.

- **Solidão:** em busca de conforto para alguma dificuldade que esteja vivenciando, ao acreditar em algo ou alguém e achar um grupo que potencialize a sensação de inclusão em algo maior, “a sensação de solidão se dissolve, pelo menos, parcialmente”, conclui Bayard.

## “O fanatismo pode gerar violência e animosidade, mas sempre uma sensação de preenchimento, pelo menos momentaneamente”

Bayard Galvão, psicólogo clínico

### Admiração consciente

Apesar do alerta para o excesso de idolatria, não é necessário tomar medidas bruscas a respeito da situação. Assim como qualquer outra dificuldade de caráter emocional, como ansiedade e estresse, é possível encontrar um ponto de equilíbrio para tornar a relação de fã algo consciente e saudável.

Para que uma relação de inspiração se sobressaia a uma de obsessão, a especialista em autoconhecimento Heloísa Capelas ressalta a importância de a pessoa realizar uma observação sincera de si própria, isso porque, “na maioria das vezes, ela mesma arruma argumentos para se defender de algo que possa fazer e que não seja saudável”, pontua.

Outro fator importante é saber ouvir familiares e amigos que alertem sobre um possível excesso de idolatria. “Só podemos evitar ou diminuir as dificuldades se, primeiro, obtivermos consciência sobre eles”, indica Heloísa. E, para tanto, é necessário ter cautela em relação às projeções que se faz sobre um indivíduo que esteja em destaque para você, uma vez que, por mais que pareça, a perfeição não existe nem para seu ídolo.

#### CONSULTORIAS

Bayard Galvão, psicólogo clínico, especialista em hipnose e presidente do Instituto Milton Erickson de São Paulo (SP); Heloísa Capelas, especialista em autoconhecimento e inteligência comportamental, *master practitioner* em Programação Neurolinguística (PNL) e autora do livro *O Mapa da Felicidade*, da editora Gente (2014); Martin Portner, neurologista e mestre em neurociência pela Universidade de Oxford, na Inglaterra.